



Guindado



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 18 de Outubro de 1980 * Ano XXXVII — N.º 955 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Calvário

Chêgo ao Freixo e tomo a marginal. Pescadores de cana na mão aguardam o pular das linhas. A seu lado, cestos esperam o peixe. Mirones contemplam as águas calmas do rio e dão sentenças aos pacientes. O local é simultaneamente de repouso e distração.

Passo sob a ponte férrea de D. Maria e tenho na minha frente as escarpas musgosas onde trepadeiras verdes tei-

mam viver. Ao fundo a ponte de D. Luís escoia o tráfego permanente que entra e sai da urbe.

Nesta encosta de granito, casas em ruínas abrigam muitas famílias. Aqui e além há escombros. Frente à varanda dos Guindais paro o carro. Pela mão de quem me aguarda nesta manhã enovoadada e húmida, subo por escadaria de pedra, onde a água dos des-

pejos e lavagens escorre e nos torna o subir cauteloso. Em cada patamar tanques de água e mulheres a lavar. Os filhos brincam. Estou, creio, no terceiro piso.

— É aqui.

Há portas por todos os lados. Em cada uma um agregado familiar. A que procuramos é aberta.

— Aguarde um pouco que eu vou primeiro abrir a janela para arejar.

Espero. Bafo pestilento sai dos aposentos e faz-me ante- ver o quadro que vou presen- ciar. Pobres mulheres que acorrem, com os filhos pela mão, dizem-me que é uma obra de misericórdia levá-la daqui. Que ela passa o santo dia sózinha. Que o filho, às vezes, nem dorme em casa. Que são só os dois. Que ele, alcoólico inveterado, não sai das tas- cas.

— Pode entrar.

E entro. O chão está na verdade negro. Aqui é o quarto do filho. Espreito. Um colchão desventrado e lusidio vomita palha por todos os lados e não tem roupa a cobri-lo. Os cobertores espalham-se em redor. Agora, o quarto da pobre enferma, já idosa, está encerado com a sujidade dos excrementos acumulados há longo tempo, por certo. O desalinho é total. O leito, já ajeitado por quem me acompanha, suporta carinhosamente a pobre parálitica. A seu lado uma tigela de água. É o pequeno-almoço.

— Muitos dias ela passa só a água — informam-me. Quando o filho não vem, ela não come, porque não sai da cama, que as forças extinguiram-se, mesmo para suplicar ajuda dos vizinhos.

O Mosteiro da Serra do Pilar é um quadro sereno no recorte da janela aberta. Esta é como em parte alguma, um miradouro deslumbrante. Abei-ro-me para contemplar. As caves dos vinhos do Porto estão ali a dois passos. As águas do rio deslizam serenas e em silêncio. Nas nossas costas a cidade dos homens ocupados. Conheço-a de lés a lés e em nenhum recanto encontrei tamanho contraste. Grandeza e

miséria. Nunca me pareceu tão belo o Douro, na sua cidade. Mas também nesta nunca pisei soalhos mais negros, nem descobri situação humana mais carecida de ajuda.

Dá-me vontade de ir procurar os representantes camarários, as cruzadas de bem-fazer, os arautos do saneamento e do alindamento cidadão para verem e tomarem consciência do que ainda há para transformar. Sei que não adiantaria nada. Ficariam perplexos e esmagados como eu.

O carro espera-nos na marginal. Pela tardinha a pobre enferma está irreconhecível na cama lavada que se lhe preparou no Calvário.

O Verão é a época que todos escolhem para banhar o corpo de água salgada e de sol mais aquecido, em locais aprazíveis. E deste modo, dizem, ganham forças para o ano social que se segue. Mas raros são os que procuram também dar banhos ao espírito, para não sucumbirem na caminhada da vida, quando esta for mais acidentada. Ora, estou convencido que nesta varanda dos Guindais poderiam muitos tomar o seu banho espiritual, ao contemplar as vidas que estas escarpas conhecem.

Padre Baptista

AQUI, LISBOA!

Noticiaram os jornais, nem sempre, aliás, com o tratamento e a dimensão exigidos pela importância e significado do problema, o caso das crianças «vendidas» para os E. Unidos da América. Uma breve referência ao assunto da nossa parte não será descabida, até porque fomos contactados pelo telefone por alguém, rotulando-se de advogado, no sentido de lhe arranjarmos uma pequena de tenra idade para um casal-americano(?).

Nunca como nos últimos tempos fomos solicitados no sentido de arranjarmos crianças para casais sem filhos. Pessoalmente ou por escrito, portugueses e até estrangeiros, chegam até nós com esses propósitos. Independentemente da existência ou não de miúdos em condições de adopção plena, que é naturalmente a mais desejada, temos, em princípio, grandes reservas sobre o assunto. Em primeiro lugar, dados os laços contraídos com os que chegam até nós, que, se não são filhos pelo sangue, desejaríamos que o fossem pelo espírito. E um pai ou uma mãe que se prezem não vão entregar um filho seu a outrem, só porque os pretensos pais adoptivos têm mais possibilidades materiais. Na vida, ao contrário do que muita gente pensa, o dinheiro não é tudo e está mesmo longe de ser o principal. Temos mesmo

conhecimento concreto de casos em que o excesso de coisas ou de facilidades têm conduzido a autênticos fracassos.

Pensamos que, em casos extremos de abandono ou equivalentes, salvaguardado um rigoroso e exigente processo preliminar em ordem a assegurar às crianças adoptadas as garantias indispensáveis, se poderá recomendar a adopção plena, já que a semi-plena, por razões óbvias, está longe de satisfazer os interesses legítimos dos adoptantes. Que os Juizes sejam exigentes nesta matéria é um imperativo de consciência. Pena é, porém, que, para lá destes pressupostos, a burocracia, que não é sinónimo de cuidado e, muito menos, de autêntica justiça, dificulte a solução dos casos evidentes quanto à capacidade dos pretendentes.

Os casos conhecidos de «venda» de crianças exigem, quanto a nós, um sério e empenhado esforço de esclarecimento total. A Imprensa tem neste, como noutros aspectos, uma função pedagógica e de prevenção ímpares. Saber se as crianças foram efectivamente adoptadas por gente capaz ou se foram meras vítimas de planos diabólicos, tão comuns nos tempos em que vivemos, urge deslindar-se. Quan-

Continua na 3.ª página



Erica Vanusa e Wilson Cláudio — filhos do Paulo de Benguela (Angola).

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

VINDEMA — A vindima cá em nossa Casa já começou há alguns dias. Já foi colhida a uva americana e agora estão a acabar de colher a uva branca; depois, será a uva preta. A nossa vindima, com os rapazes, é uma alegria. Gostam de vindimar. Enquanto uns colhem, outros, mais pequenos, apanham os bagos que também são vinho. Andam lá desde os moços da lenha, aos homens do campo. Tudo corre na maior alegria, estando o Serafim em constante vai e vem.

CONVÍVIO — Realizou-se, no dia 27 de Setembro, um convívio entre os rapazes da nossa Casa e a Efacec. O convívio foi organizado pelos Trabalhadores da Efacec. Ora, na sexta-feira à hora do Terço, foi-nos anunciada a visita dos nossos Amigos. Pois trouxeram comer, etc., para a malta toda. Assim, no sábado, quando tocou ao meio-dia para o almoço, dirigimo-nos para o campo de futebol, a fim de almoçarmos no dito lugar. O almoço, distribuído em sacos, era composto de batata frita, bife, bolos de bacalhau, fruta e pão. E não faltou a bebida, sumol ou cerveja. Terminado o almoço, o nosso Conjunto dignou-se tocar algumas músicas para as crianças e algumas da Efacec também deram a sua contribuição vocal. De seguida, fomos outra vez ao campo de futebol para uma merenda saborosa. E o convívio chegou ao fim. Todos gostaram da estadia em nossa Casa e partiram alegres. Nós também. Obrigado!

TRABALHOS — Como vem sendo hábito, em nossa Casa, todos os anos, no primeiro dia de Outubro, são as mudanças de trabalhos de que alguns estariam à espera há bastante

tempo. E chegou. As mudanças já se efectuaram e todos cumprem as novas obrigações, excepto os que irão para as oficinas que estão a trabalhar uns dias no campo. Aliás todos os que estão nas oficinas também cumpriram esses dias. Oxalá todos façam as suas obrigações o melhor que puderem.

RETIRO — Partimos para Roriz (Singevega), 15 rapazes na companhia do nosso P.e Carlos, no intuito de uma reflexão profunda ao nosso comportamento moral e espiritual, mais objectivamente para que houvesse uma mentalização de nós 15 como mais responsáveis na vida quotidiana da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

O sr. P.e Carlos Vasconcelos, responsável pela orientação do Retiro, contou-nos o seu perfil e pudemos constatar, pela sua rodagem de Retiros idênticos, que é um homem bem experimentado no contacto com rapazes. Apresentou-nos, ainda, o programa a seguir, durante os dois dias que ali permanecemos. O programa, na maior parte, foi preenchido por meditações, nas quais cada um procurou pronunciar-se sobre um tema escolhido pelo nosso orientador.

No primeiro dia houve um trabalho intenso, mais pessoal e profícuo, visto que dialogámos com Deus por escrito, meio que proporcionou um maior empenho e maior encadeamento de ideias. Procurámos, ainda, auto-caracterizar-nos qualitativamente de forma a tomarmos consciência daquilo que verdadeiramente somos, daquilo que podemos ser, isto dentro da temática: «dar-se para se ser».

No segundo houve natural cansaço, por parte de alguns membros do grupo. Por isso menor empenho e menor interesse. Diga-se que teria caído a nódoa no melhor pano. À noite, o P.e Vasconcelos concluiu aquilo que teriam sido os escassos

dois dias de Retiro; uma conclusão nem muito positiva nem muito negativa. Em suma: poder-se-á dizer que não foi de maneira nenhuma infrutífero. Outros poderão opinar de maneira diferente. Esta, porém, é a minha opinião.

Despeço-me com um abraço para os amigos leitores de O GAIATO, especialmente para as Irmãs que tão bem nos acolheram no seu Mosteiro.

«Salsichas»

Viagem eterna

*Se o pensamento voasse sem tempo,
Jamais ecoaria choro da Terra;
A sua pátria seria o vento fresco,
Dissolvente de angústias e de guerra.*

*Caminharia a fio com as estrelas,
Sagaria florestas e imensidão;
As flores teriam canteiros azuis
E as asas não pediriam pão.*

*Os castelos seriam palhotas no ar
E as nuvens, searas de vida,
Levariam o amor incarnado.*

*Raios de luz semeados
E pétalas de divisão satisfeitas
Por penas que já tinham voado.*

Setembro/80 Manuel Mendes

miranda no corvo

FESTA ESPIRITUAL — Uma festa que desde há meses se pensava fazer, tomou parte no último domingo de Setembro, com a razão fundamentada nos seis baptizados que neste dia se realizaram, além de um grupo de rapazes ter feito a Primeira Comunhão e outro ter feito o seu compromisso com Cristo, afirmando prometer segui-lo e ser fiel à Sua Doutrina. Com um mês de preparação, estávamos aptos para afirmar manter acesa a vela da nossa Fé.

Três dias antes da festa, chegou até nós um sr. Padre que iria passar esses três dias connosco a falar-nos sobre o acto que iríamos assumir e a confraternizar connosco.

Durante esses três dias, o salão de festas foi o nosso Santuário.

Com o acostumado horário dos domingos, levantámo-nos às 8,30 h para termos a Santa Missa às 9 h.

A chegada dos padrinhos dos seis rapazes que iriam ser baptizados, marcou a início da festa espiritual em precisão.

O nosso Padre Horácio foi o Presidente da Assembleia que, depois da proclamação da Palavra de Deus, baptizou os seis rapazes.

A festa prosseguiu, mas, agora, não com o Pão do Espírito, mas com o pão do corpo, na nossa sala de jantar.

E assim correu o resto do dia normalmente.

VINHO — Depois da nossa vindima feita, com alegria, e depois de esmagados os cachos, finalmente armazenámos o mosto com esperanças de vir a formar um bom vinho. Deus queira que sim!

ALAMBIQUE — Este ano fui eu o encarregado de fazer a aguardente.

O nosso alambique está constantemente a funcionar. E connosco, é com pessoas de fora que pedem para fazer a sua aguardente. Enfim, ela não tem saído muito mal.

É com muita satisfação que, enquanto escrevo esta crónica, estou vendo o fio caindo do alambique e com boa apresentação.

Carlitos

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Somos abordados por muitos Pobres em dificuldades burocráticas. Hoje é um Auto-construtor em função de um inquérito do INE.

Durante o preenchimento do papel, esclarecemos que os dados são confidenciais; e estes, apesar de insignificantes, também necessários para se conhecer o montante de valores aplicados, e como, periodicamente, nos domínios da Habitação — por mor das carências (e planos de investimento) no sector.

O nosso homem entendeu. Trabalha no Porto e faz da sua terra dormitório, como muitos outros.

O papel deu para troca de impressões. Ele ergueu a moradia, heróicamente, há seis anos, e não pôde acabá-la como desejava; ficando, porém, com as mínimas condições de habitabilidade. Qual o Auto-construtor com possibilidades de fazer tudo de rajada?!

No início da aventura recorreu a dinheiro de dois particulares, empréstimo que amortizou com sacrifício.

Agora, retoma a cruzada; tendo abordado o patrão que correspondeu com parte do capital para ampliação do edifício: cozinha e instalações sanitárias dignas e funcionais, além da vedação do terreno. «O dinheiro que falta — esclarece — lá me vou desenrascando como posso...»

Não poderíamos ficar inertes e prometemos outra migalha, pequena mas justa. Os olhos dele embaciam, de satisfação: — Não contava...! Mas que jeito me faz!

Mais uma família feliz! Damos graças a Deus.

● O abono de família para algumas Trabalhadoras do Campo continua um direito preterido!

Se fosse um caso... Mas são mais, os que correm por nossas mãos! E por via de um regulamento que fere estas Mães, com as contribuições em ordem, mais a agravante de estarem sob a alçada de fiscalização específica que não existe para outros sectores!

Concretizando: Uma Trabalhadora, de mãos calejadas, procura-nos em 14 de Agosto p. p. desabafando o longo calvário do abono de família e pedindo, encarecidamente, a remessa de uma carta para a entidade competente. Foi assim:

«Há cerca de cinco anos que aguardo me seja deferido o requerimento de abono de família dos meus filhos! É triste, mas é verdade.

A fiscalização já abordou, pelo

menos que eu saiba, cinco vezes o meu problema in loco.

Em consequência da penúltima vitória, há cerca de três meses, escreveram daí que aguardasse instruções. Até hoje — nada!

Entretanto, desloquei-me à Caixa. O funcionário da secção de abonos de família afirmou estar lá o meu processo, há cinco anos, motivado por um impasse nas disparidades de informações colhidas na vizinhança.

O certo é que me dedico ao cultivo da terra a tempo inteiro, exercendo a função de vendedeira ambulante de peixe (quando há...) apenas nos meus tempos livres e esporadicamente...»

A defesa da Família começa, ou não, exactamente por aqui..., pela satisfação dos elementares direitos do cidadão com suas contribuições em ordem?! E mais tratando-se de Pobres, como no caso vertente.

Há discriminações que nos deixam estupefactos, no meio de tanto palanfrório! Mas ninguém se mexe a pôr as coisas no devido lugar...

PARTILHA — M. P., de Coimbra, pede «o favor de se aplicar (500\$00) numa necessidade urgente da Conferência e logo que me seja possível enviarei mais». Generosidade e delicadeza cristãs!

De visita à Casa do Gaiato, senhora já de idade entrega 3.100\$00, «primeira mensalidade da pensão de velhice». Anónimo do Bonfim (Porto), 500\$00. Donativo da *Avozinha de S: João da Madeira* «que há muito não aparece». Seja benvinda!

Além da partilha material, o assinante 9790 marca presença espiritual — como habitualmente. Agora, no ambiente conjuntural que vivemos, pede «uma oração ao Céu para que ninguém pise o seu Irmão, seja ele quem for, antes olhe para ele como Criatura a amar e assim se desenrolem as nossas atitudes, pondo-se sempre em evidência o desejo bem sincero de Servir».

Amigo do Fundão parte e reparte 300\$00 pelos Pobres. «Desculpem a maçada desta divisão, mas é uma devoção minha» — que respeitamos com amizade.

Cinco dólares da assinante 7505. Presença firme de Paço de Arcos: 3.000\$00 do vencimento mensal. Graças a Deus!

«Uma triste nulidade» volta de novo, pedindo que os Pobres se lembrem dele junto ao Senhor «para ter um bocadinho de paciência para levar a cruz e perseverar nos esforços para sair do lodaçal em que tem vivido mergulhado desde sempre». As almas grandes são assim!

Valé do correio do Casal-assinante 17022: «lembrança de aniversário do casamento». Que seja por muitos anos!

«Uma lisboeta» não esquece a Conferência «que eu considero um pouco minha — sublinha — e tudo farei para contribuir o melhor possível, dentro dos meus meios. Ao receber O GAIATO é nela que faço a minha primeira leitura. Consolame quando acodem e resolvem algum problema dos nossos Irmãos aflitos!»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes -

A expressiva legenda para o nosso João, o «Shéu» — natural de Moçambique — é de um leitor da vila de Paredes. Revela muito carinho e amizade por ele e por todos os nossos Rapazes:

«De vez em quando lá comprava O GAIATO, divulgado por todo o mundo onde haja um português.

Hoje, na sua distribuição, sou procurado, aqui em Paredes, pelo meu grande amigo João, que diz ser conhecido por «Shéu». Conversámos um pouco. Bom rapaz. Educado. Gosta da Casa do Gaiato.

Assim vou recordando tempos com saudade...

Vem sempre, amigo «Shéu»; cá te espero.

Oxalá todos os Rapazes sejam um João «Shéu», para que façam uma Casa do Gaiato cada vez melhor, para que fujam da podridão que o mundo atravessa... Tenhamos fé no Pai Américo — em Jesus Cristo.»



CARTA de Londres

«Alô amigos da Casa do Galato! Saudações!

Alegremo-nos em poder escrever-vos esta missiva. Esperamos encontrá-los com plena saúde para levar para a frente o vosso trabalho; e, acima de tudo, com entusiasmo para viver com alegria esta doação, este serviço aos irmãos necessitados.

Nossa Comunidade cristã de Stockwell, (Comunidade da margem sul: Stockwell, Christ Church, Union Grove S. W. 8) se alegra em poder ajudá-los. Fazemos isto conscientes do nosso compromisso cristão. E sabemos que assim podemos ser missionários. É tão importante para nós estender as mãos para os irmãos! É tão importante sair de si, olhar o mundo, olhar os irmãos! Este nosso gesto de ajuda é espontâneo e, por isso mesmo, nos deixa felizes. Queremos repartir com os irmãos as nossas alegrias, o que temos, a vida... Por isso estamos enviando esta pequena contribuição, este pequeno sinal (210 libras) em nome de toda a Comunidade. Fizemos uma pequena festa em favor da Casa do Gaiato e os lucros estão sendo enviados para vocês. Agradecemos a possibilidade de podermos realizar este gesto de doação. Junto com esta vai o nosso abraço a todos os amigos que trabalham aí.

Se não for difícil para vocês gostaríamos que nos escrevessem uma cartinha dizendo se receberam ou não o referido cheque. Se quiserem enviar uma mensagem para toda a Comunidade, desde já agradecemos. Temos imensa alegria em poder ler para todos os amigos emigrantes portugue-

ses da Comunidade de Stockwell.

Seria bom se todos pudessem assinar, mas não é possível. Assim sendo, apenas os responsáveis dos trabalhos, dos serviços de nossa Comunidade assinarão (mas assinarão em nome de toda a Comunidade).

Votos de bons trabalhos e atentamente nos despedimos.»

Ora aqui temos um gesto de «puro sangue» cristão. A terra é estrangeira; a Comunidade, portuguesa; o seu dinamizador, pelo nome, parece-me italiano. Mas todas as fronteiras se dissolvem perante a realidade fundamental: todos os homens são irmãos; todos devem esforçar-se por viver como tal. E é nisso que se exercitam os membros desta Comunidade, os quais fundamentam o seu desejo de que vivamos em alegria a nossa doação aos Irmãos necessitados na sua própria alegria em ajudar-nos; e com ela alimentam a nossa. Alegria que brota da consciência de um compromisso cristão que se procura cumprir no concreto. A nota de «importante» não nos é endossada. O importante é para eles: «estender as mãos... sair de si, olhar o mundo, olhar os irmãos». É pois de consciência que se trata e não de mero sentimento. «Por isso mesmo, este gesto nos deixa felizes»; e «agradecemos a possibilidade de o realizarmos».

Tudo espontâneo, tudo linear, tudo transparente! Que bom se as razões deste gesto fossem a regra de um dinamismo coerente para todos os que se dizem cristãos!

Eu não me lembro se foi

□ O nosso Lar do Porto tem nas traseiras uma pequenina horta que nem deve chegar aos cem metros de área. Tronchudas, nabiça espanhola, salsa, tomates, cenoura, limões e muitas flores que lá há. A senhora deu-me um cacto e muitos chu-chus para plantar aqui em Paço de Sousa. Plantados já estão, mas vingarão? Onde todos tratam de tudo, correm-se riscos de perder e de ganhar. Sempre que vou ao Porto e paro no Lar não deixo de ir ao nosso jardim descansar a cabeça dos barulhos da cidade. Já não gosto das cidades que fazem doer a cabeça. Casas muito altas e grandes à beira de casinhas pequenas criam a desarmonia. As pessoas apressam o passo porque trabalham e se desconhecem. As zonas verdes são tão poucas e pequenas que já nem as pombas lá cabem. Será preciso nascer na cidade para dela se gostar? Ou não será também aqui que a necessidade faz o órgão?

O nosso jardim da cidade exporta para a nossa Aldeia cactos e chu-chus e guarda em si a riqueza e a beleza do oásis no deserto. Dentro de dias os nossos estudantes e trabalhadores irão para o Lar. Vão

desta Comunidade que há tempos recebemos o alvitre de uma ida até lá com um grupo de Rapazes a fazer Festa. Não nos é fácil; e, como se vê, nem é preciso! Eles fizeram a festa e nós vimos os foguetes: 210 libras esterlinas e esta mensagem tão fraterna, tão tónica.

Bem hajam, todos e cada um. E quando vierem a Portugal venham a qualquer das nossas Casas continuar a Festa.

Padre Carlos

Partilhando

gozar daquele recanto. Que o saibam gozar, estudando e trabalhando para seu futuro e dos que hão-de vir.

□ Aqui, na Aldeia, é o milho e as uvas o trabalho do dia. As oficinas não param por causa disso. Um ou outro é que gosta de ir ou então é convidado. Ontem foi a vez do Costa, nosso chefe maior. Gostou, mas deu-lhe uma dor de estômago. — Não foi só das uvas — explicou-me ele. Mas também?

A nossa vindima é trabalho para muitos dias. No ano passado colhemos oitenta pipas de vinho. E só ontem, que colhemos quase uma cuba de dez pipas, é que conseguimos, depois de muitos meses à espera, vender a última metade do vinho do ano passado. Um a entrar e outro a sair. Defeitos do excesso de produção... Canseiras e gastos no tratamento da conservação e sempre o risco de se perder o fruto de tanto trabalho e preocupação. Mais de oitenta por cento do nosso vinho é para vender. Se há boa produção, bebe-se vinho às duas refeições. Se há pouco, só a uma. E só os rapazes mais velhos é que bebem. Somos um País alcoolidado. E somos uma Casa feita

com alguns filhos do álcool. E alguns dos nossos rapazes não gostam dele e outros não podem nem devem gostar.

O milho é outra riqueza nossa. Uma parte vai para o silo, outra vai para a nossa bórea. E as nossas desfolhadas são feitas quase só pelos mais pequenitos. Nas aldeias do norte as desfolhadas são feitas à noite e a cantar. As nossas são de dia e não só a cantar. Também lá se choral. As espigas ao sair daquelas mãozitas, podem ter rumos e intenções especiais. Não é só o cesto a receber as espigas; também pode ser o companheiro do lado. E não é por mal, mas há logo reclamações. E muito bem! Do milho vem a farinha e desta vem o pão. Não se deve brincar com o pão, nem estragar é muito menos usá-lo para fazer sofrer alguém!

O grande sofrimento da humanidade ainda é e também a falta de pão. E a abundância e o mau uso do pão são causa desse grande sofrimento. Sequer ao menos eduquemo-nos no respeito profundo por quem tem fome. E que bom se esta educação começar no berço! Nunca mais será esquecida.

Padre Moura

Reflectindo

Quando um rapaz chega a nossa Casa pesa sobre nós a responsabilidade do seu caminhar na vida. Cada um deles deixa atrás de si um passado doloroso. Chega e... só nos tem a nós. São muito diversas as reacções. Uns adaptam-se imediatamente. Outros têm dificuldades em se encaixar numa vida disciplinada, depois de terem vivido ao Deus-dará. Outros, ainda, sofrem a separação do lugar ou das pessoas com quem viveram até virem para cá. São estes os mais difíceis.

Aqui há algum tempo falei-vos no Silva. Das suas lágrimas... Das saudades que tinha da mãe, nos primeiros tempos passados connosco. Pois, correu o tempo... Há algumas semanas atrás ele foi à terra visitar a família. Voltou e eu perguntei-lhe:

— Custou-te muito voltares para aqui?

— Não! A minha mãe até

queria vir trazer-me e eu disse que não viesse, para não gastar dinheiro. Também me disse que para a semana vem ao Porto com um meu irmão ao médico e que vinha aqui ver-me. Eu respondi-lhe que sei que é pobre e o dinheiro faz falta para os meus irmãos; por isso que não viesse, até porque estive com ela há pouco tempo.

Gosta de cá estar. O que atenua o mal que é estar separado da mãe. Atenua, mas não resolve. Os filhos devem crescer junto das suas mães. Quando estas ficam viúvas e sem meios, como a mãe do Silva, deveriam receber da Assistência o necessário para a educação dos mesmos. A Casa do Gaiato deveria ser apenas para os abandonados, ou órfãos com necessidade de uma família, já que não têm a sua própria.

Padre Abel

AQUI, LISBOA!

Continuação da 1.ª página

to aos intermediários há que julgá-los com todo o rigor da lei, de forma exemplar, se os fins em vista cõlidem com as regras morais ou puserem em causa os direitos das crianças. Relativamente às mães ou pais que alienaram os seus filhos, como se de objectos se tratassem, há que considerar que as leis se fizeram para cumprir, embora cada caso tenha a sua história e mereça o seu tratamento. Friamente, porém, quem troca os seus filhos por dinheiro ou os abandona sem mais, será cretino ou irresponsável, merecendo antes compaixão do que castigos severos, sem hipóteses de recuperação, por não saberem, com certeza, o que fazem. Infelizmente, procedimentos equiva-

lentes, há-os aí aos montes até em famílias com responsabilidades, sem que ninguém lhes vá às mãos, apesar de terem plena consciência das consequências dos seus actos.

● Anuncia-se um diploma do MEC sobre o ensino primário relativo a vários aspectos, entre os quais o que se refere ao provimento, nos termos da lei geral, das escolas existentes nos chamados estabelecimentos de solidariedade social.

Ora, salvo melhor opinião, tal medida vem prejudicar seriamente as Instituições particulares, que correm o risco de ver intra-muros pessoas contrariando os desígnios por que se regem, com concepções do homem e da educação diametralmente opostas às razões e

fins da sua criação e do seu ser. Naturalmente surgirão fricções e desajustamentos, quando impasses ou situações melindrosas, como em casos recentes se pôde constatar. Pensamos que os estabelecimentos escolares existentes nas Instituições particulares, chamadas de solidariedade social, se deverão situar ao nível do ensino não estatal, embora com os professores pagos pelo Estado e tendo de obedecer, claro, aos programas oficiais. Os mestres e demais pessoal deverão, porém, continuar a ser indicados pelas instituições para salvaguarda da sua liberdade e da paz e da boa harmonia que nelas devem imperar. Haja quem veja o melindre da situação.

Padre Luiz

ESCOLA

A Primária já começou. A tempo e horas, graças a Deus. Mas, quanto a nós, sob o signo da instabilidade. De três lugares, apenas um será regido pela mesma professora. Outro, que tão fácil seria ter a mesma sorte, não a tem por um capricho burocrático. Prossegue, pois, um desfile de caras novas que se mantêm de há alguns anos para cá, com todas as consequências más que me parecem evidentes.

Quão longe vai aquela figura de professor primário com quem os seus alunos estabeleciam uma relação quase filial! Alguém que se recordava pela vida fora com respeito e ternura, pela sua parte na formação de uma personalidade ao tempo tão carecida de compreensão e carinho que só o conhecimento permite — o conhecimento adquirido em convivência contínua durante os quatro anos da Escola Primária. Quão longe!

Ora a exigência desta qualidade não desapareceu. Pode

a grande multiplicação de professores ter produzido uma tendência (e uma tentação) profissionalizante à custa do espírito sacerdotal que antes era a regra (antes, quando eram mal pagos e sacrificados como poucos trabalhadores neste País!). Porém, a natureza da criança não mudou. E a Escola — suponho — é para ela, por causa dela; ela é a razão de ser da Instituição escolar. Portanto, a estabilidade do professor, a permitir o acompanhamento dos alunos da 1.ª à 4.ª classe, parece-me um princípio fundamental a observar. Se é preciso rever e reformar a orgânica e a classificação dos professores em quadros de efectivos e agregados e vinculados e não sei que mais — que o façam. In-

justo é que seja a criança a sofrer as contingências da tarefa — com certeza difícil — da colocação de professores, tão cativa de disposições legais que a estes dizem respeito, quão evadida daquele princípio fundamental que significa e serve um direito da criança. Tudo quanto fomenta a observância deste princípio é caminho certo e justo, dever dos responsáveis pela Instituição escolar. Que se não invertam os valores. Que se não deixe absorver e arrastar um Ministério cuja função primária não é a criação de postos de trabalho, por problemas de tipo laboral.

Uma Direcção Escolar, nas horas de expediente, é um mundo rumorejante de interesses adultos. Ali não se fala dos alunos. A criança não cabe lá. É um lugar administrativo onde cada qual que tem as suas razões, as leva. Mas respira-se algo de errado. Creio que o sentem os que ali trabalham e talvez se esquivem de reflectir a sua ansiedade no sentido hierárquico ascendente, para motivar os centros de decisão mais afastados do quotidiano a recon-

siderar o que se faz e a procurarem em conjunto o acerto que certamente todos desejam. Mas que há algo de errado, há.

Eu bem sei que seria utópico esperar a cobertura das necessidades escolares do País, só a partir da vocação. Bem sei que muitos vão à carreira docente como um modo de ganhar a vida. E destes nem todos — como em todas as carreiras — são funcionários exemplares. Mais uma razão para a exigência e austeridade.

Talvez fosse de pendurar nas salas de aula das Escolas do Magistério este ou outros «slogans» equivalentes: «A Escola é para os alunos. Os professores são para os alunos. O M. E. C. e todos os seus servidores são para os alunos». E não se perderia em que o tema fosse desenvolvido e aprofundado em aulas de ética profissional.

A partir da nossa experiência — e a Escola tem sido algumas vezes, em quase todas as nossas Casas, motivo de sofrimento — nós podemos constatar o valor da dedicação, de preferir, se não é possível juntá-los, ao da preparação té-

cnica. Constatámo-lo mais acentuadamente nas experiências que já tivemos de Escolas Especiais e de que desistimos. Constatámo-lo nas presenças preciosas dos que estão há muito conosco; que conhecem os Rapazes e os estimam; que tiram dos dramas pessoais que os trouxeram até nós, a compreensão das suas dificuldades psíquicas em geral e nomeadamente as escolares; que nos ajudam efectivamente na sua formação.

Tanto o sabemos e experimentamos que sériamente nos começamos a interrogar se vale a pena termos Escola própria, participando da condenação genérica que afecta toda a Instituição escolar, a este fluxo e refluxo que impede ou dificulta aos professores criar raízes na alma dos seus alunos e proporcionar-lhes uma relação afectiva verdadeiramente necessária na sua idade — e sempre — ao êxito da informação e da formação que a Escola lhes deve.

Ocorre-me que alguns leitores podem interpretar estas linhas como quem conclui de uma descrição enlevada da região polar a depreciação dos encantos das zonas tropicais. Não é dos professores que nos queixamos; é do sistema, que não serve nem me parece em caminho de servir aqueles que são — repito — a razão de ser da Escola: os alunos. Estes são, na sua pouca idade, as vítimas passivas. Ainda não têm discernimento dos problemas nem voz para os expor e reclamar soluções. E hoje anda-se tanto à trela das reivindicações! É, pois, por estes que não têm voz, que nós falamos. Falamos porque sentimos na nossa própria carne os prejuízos de que eles se não apercebem. Porque vemos e ouvimos a justificação farisaica apoiada em prescrições legais que se vão acumulando e asfixiando o princípio de que os alunos são o objecto formal da Escola e de todo o Ministério que a rege e não, como às vezes parece, mero pretexto. Porque assistimos à sobreposição de interesses — respeitáveis que sejam... como tudo que é humano — ao interesse da criança que é seu direito sagrado e inalienável. Porque julgamos correr-se o risco de um processo crescente de desnaturalização, como é todo o encadeamento da essência pelos acidentes.

Não é, pois, de ninguém que nos queixamos; é do erro sistemático. Que não se teime. Que se procure emenda. Pai Américo dizia que as leis quando não servem, rasguem-nas. Eis.

Júlio Mendes

Padre Carlos



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 41.700 exemplares

CANTINHO dos RAPAZES

Acontecimentos da hora fazem-me pensar na altíssima ciência que é saber ganhar e saber perder. Altíssima ciência e altíssimo domínio dos desequilíbrios que uma paixão, porventura boa, pode produzir.

Na vida há muito de jogo e é verdade que uma certa dose de competição é estimulante e pode ser saudável. A melhor competição é a de alguém consigo próprio. Alguém que se vê e mede; que reconhece não ter atingido a plenitude da sua medida; e joga no seu próprio crescimento para essa medida ideal. Crescer é bom. E ter a consciência da aproximação da sua medida, sem ansiedade nem pretensão de ultrapassar o possível, é factor de paz. Mas ao longo deste processo, competir com outrem ajuda muito, sobretudo se o interesse do jogo se não põe na vitória imediata sobre o outro, mas no «élan» que se dá e se recebe ao assistir ao esforço do outro na superação de si-mesmo.

Eu experimentei há pouco este sabor de vitória em ser vencido. Foi nas pequeninas férias no moinho. Tendo ensinado ao meu competidor no jogo da «batalha naval» a estratégia que até ali me conservara invicto, vi-me derrotado, ao fim de algumas sessões, pela melhor aplicação por ele do que por mim dessa mesma tática. Episódicamente ganhámos e perdemos ambos. Definitivamente ambos ganhámos: ele pela ajuda que no princípio lhe dei e tão bem assimilou; eu pelos bons frutos dessa ajuda que tão depressa vim a receber.

Este é o jogo construtivo, desapassionado, que depende muito mais da habilidade do jogador do que da sorte. Parece, até, que devia ser este o que mais facilmente levaria ao sentimento de orgulho com expressões de superioridade. Porém, em geral, não é assim, certamente porque o hábil sabe quão penoso lhe foi chegar àquele grau de habilidade e aprende do seu esforço a respeitar o do outro competidor, mesmo que menos bem sucedido. E não se vangloria; e não afronta; e não provoca. Isto mais vezes acontece nas vitórias que, vindo embora do mérito, dependem muito da sorte.

E no que perde?... A mesma coisa. Se é a verdade da sua melhor forma, se é a virtude de uma preparação mais convincente para si e mais prestável para os outros, o que ele procura — não se deixa vencer pelo azedume nem busca justificações arbitrarias para o inêxito, nem hostiliza o que ganhou.

O contrário acontece quando o fim de competir é ganhar, não o desejo de crescer, não a alegria de superar-se e de ajudar outros à própria superação.

Difícil: saber ganhar, saber perder. Deus nos ajude na aprendizagem desta altíssima ciência.

Padre Carlos

O terceiro volume do livro «DOUTRINA»

Agora, sim, o livro DOUTRINA vai de vento em popa!

Estamos a despachar uma média de 400 por dia. O Manuel «Gordo», pequenito homem de poucas falas, dá meças aos grandes na preparação dos maços. Ele trepa às mesas, às cadeiras, com o fio da tesoura atrás de si. Quando pega, não larga a empreitada facilmente, excepto quando amolece. Então, sim, recosta-se no parapeito da janela a ver os passarinhos e a encher os pulmões de ar puro, filtrado pelo exuberante arvoredado da nossa Aldeia.

Tem chegado, diariamente, um mundo de postais RSF! Fernando Dias não espera pela demora e despacha os pedidos em flecha. Quando a postalada vem do correio, aí está ele, todo lambido, sublinhando as requisições de cada um. Verdade seja, dá gosto olhar a procissão, desde os que pedem todas as obras em stock até os muitos que aproveitam o postalzinho para se inscreverem na Família de assinantes de O GAIATO. Só duma rajada vieram 15. E não-de vir mais. Muita gente diz conhecer a Obra da Rua mas desconhece O GAIATO!

Voltando ao terceiro volume do DOUTRINA, temos carta de alguns sublinhando que «os livros de Pai Américo são uma

bênção de Deus. Quando estou desmoralizada, leio-os e vejo como os meus problemas são pequeninos!»

Outra do mesmo naipe:

«Acabo de receber o DOUTRINA. Todas as obras de Pai Américo estão na minha pequena biblioteca e cada novo livro é um ensinamento, um conforto e um estímulo para prosseguir nesta caminhada tão difícil que é a minha vida; e também para me dar conta de que há outras mais difíceis. Oxalá o novo livro me traga a luz que reanime a minha pobre candea acesa; e também a fé viva que Pai Américo — no seu estilo tão pessoal e vivo — soube transmitir.»

Quem diria melhor?!